

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO
PROJETOS EXPERIMENTAIS
ORIENTADORA: SÔNIA MALUF
ALUNA: FLAVIA MAIA DA NOVA - 9418319-8

Ribeirão da Ilha: a Vila e sua Freguesia

Projeto experimental apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à conclusão deste. O projeto constitui uma grande-reportagem em texto de autoria de Flavia Maia da Nova, com orientação da Professora Sônia Maluf.

Florianópolis
Novembro 1997

É difícil enumerar as tantas pessoas a quem eu devo por estar aqui. A história vem de longe.

Primeiro devo tudo o que tenho e faço, devo este trabalho, aos meus pais. Nunca tive vergonha em dizer o quanto eu os amo. Também não a tenho em deixar este sentimento aqui, registrado letra por letra.

Com o fila puxada, chegam meus irmãos. À dupla infernal que me atura dentro de casa, muito obrigada. Também uma lembrança em especial a uma super tia, tão super que não preciso citar o nome.

Um outro agradecimento a alguém que, felizmente, não é da família. Um alguém que já toma conta do que eu sou. Aos meus professores. Pelos mínimos e máximos que tenham feito, fazem parte do meu "eu jornalista". Em especial ao Prof. Wallace (que me botou nesta fria - enxergando a minha fascinação pelo Ribeirão), ao Prof. Clóvis (que me colocou numa gelada maior ainda - abrindo as portas para o mercado de trabalho) e à Prof. Soninha que muito me ensinou, tanto neste semestre quanto em outros (sempre com uma pá de paciência para tapar meus maiores erros).

Muito obrigada a vocês, todos os meus personagens do Ribeirão, que eu tanto importunei.

Muita obrigada a todos os ausentes, que mesmo de longe, continuam fazendo volume aqui dentro.

Obrigada pai, obrigada mãe.

SUMÁRIO

CONFISSÕES.....	03
ALMA DO POVO.....	05
Oportunidade única.....	05
Não tão carolas, ainda católicos.....	10
RIBEIRÃO: “OBRIGATORIAMENTE AÇORIANO”.....	16
DE PRODUTOR A CONSUMIDOR.....	22
Eterno Pescador.....	22
Artesanato só nas lembranças.....	27
Perde-se a produção, mas não o costume.....	29
Confiança no caseiro.....	34
Turismo como auxílio.....	38
FRAGMENTOS.....	40
Morro: tão fundamental quanto a santa.....	40
A Freguesia.....	42
NOVIDADE COM CHEIRO DE MAR.....	46
UM PARAÍSO QUE SE MANTÉM NO TEMPO.....	49
RECOMPENSA.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53

CONFISSÕES

Eu sou uma estudante de jornalismo e estou fazendo um trabalho sobre o Ribeirão. A gente pode conversar? Foi assim que me apresentei aos entrevistados para fazer esta reportagem. Uns diziam sim, outros, agora estou ocupado, e alguns até fingiam que não estavam ouvindo. Aconteceu assim mesmo, mas só nos primeiros dias. Depois ficou mais fácil e prazeroso. *Oi, como estás? Não és tu que vem aqui fazer um trabalho? Que bom te ver.* As coisas mudam. O meu pensamento também tomou um rumo diferente.

A primeira vez que pensei em fazer o projeto de conclusão de curso, veio a imagem do Ribeirão. Afinal, já nos conhecíamos de longa data. Na quarta fase de jornalismo cursei a disciplina Fotojornalismo III. Ela exigia um projeto fotográfico sobre qualquer tema. Escolhi a geografia e a arquitetura da vila histórica do Ribeirão da Ilha.

Contato com as pessoas? Tive, mas não muito, apenas o suficiente para compor a parte teórica do trabalho. O resultado do trabalho? Ótimo. Eu fiquei satisfeita, o professor também. E foi ele quem me deu a idéia de continuar falando do Ribeirão no projeto final de curso, afinal, haviam muitas coisas a serem exploradas por lá. Desculpe, não é sobre o Ribeirão, apenas parte dele: a Vila da Freguesia. Freguesia, dizer só Freguesia já está bom, é assim que eles chamam. A filosofia de vida do local parecia dizer muito mais do que aquilo que se observa a primeira vista.

Pois é, agora estou aqui fechando este meu trabalho. Foi mais de um semestre de empenho, que valeu a pena. Ô se valeu! Poder estar perto de um segredo já foi uma grande recompensa. E tudo graças à Santa. Tudo mesmo: desde a construção da Freguesia até a minha satisfação de estar aqui, escrevendo... tentando passar para o papel todo o calor de uma descoberta. Não, de várias e valiosas descobertas.



RECEPÇÃO: out-door localizado no início da Vila da Freguesia

“Perguntei ao meu Senhor:
 Onde está seu coração?
 Ele então me respondeu:
 Você conhece o Ribeirão?”
 (Dito popular que não traz
 mais consigo a sua autoria).

ALMA DO POVO

Oportunidade única

Praça decorada, três ou quatro barraquinhas montadas: duas de comida - pinhão, quentão e cachorro quente- e as outras duas com brinquedos - aqueles “a la Paraguai”. Poucas pessoas estavam por ali: a maioria eram crianças e senhores. Mulheres, praticamente, só as que cuidavam das barracas.

Vi muitos passarem com pressa no sentido contrário ao que se chega no Ribeirão, tinham nas mãos um pedaço de garrafa plástica. Garrafa grande de refrigerante, cortada ao meio e seguravam a parte da tampinha. Era 16 de agosto, o dia de Nossa Senhora da Lapa, protetora da comunidade.

Resolvi acompanhar duas senhoras, nada feito. Iam depressa demais, estavam com pressa. No meio do caminho já muito escuro, passava das sete da noite e haviam poucos postes de luz, cheguei a uma gruta. Era a gruta de Nossa Senhora de Lourdes, bem na entrada da Freguesia. A imagem estava com muitas velas ao redor. Dali, não consegui avistar onde estavam todos aqueles que por ali já



ENTRADA: A gruta de N. S. de Lourdes é o marco inicial da vila

tinham passado.

Voltei à praça. De repente, barulho de fogos. Era a Nossa Senhora da Lapa que estava a caminho. A procissão levou mais de meia hora para chegar até nós e entrar na Igreja.

Padre Josino à frente, carregando a cruz, e muitos fiéis ao redor da imagem da Santa, levando velas -colocadas naquele pedaço de garrafa. Era tanta gente, que não foi possível chegar muito perto.

Sem nenhum rodeio, todos entram na Igreja Matriz para louvar a Santa. O lugar ficou pequeno para tanta gente. Muitos conseguiram olhar apenas da porta de entrada. Outros não se esforçaram e ficaram conversando do lado de fora. A maioria, lá fora, era de homens. No meio deles estavam os integrantes da Banda da Nossa Senhora da Lapa, que também acompanhou a Santa na procissão.

Terminadas as rezas, tive a certeza de que o momento estava immortalizado em minhas fotos. Engano meu. Perdi a oportunidade “única” de ver a Santa. As fotos não saíram e a “verdadeira” imagem da Nossa Senhora da Lapa só fica exposta apenas uma vez por ano, nesta data. Agora, são mais 364 dias para uma nova tentativa. Não desanimo, tão significativo quanto seriam as fotografias é a memória de muitos dos moradores que ali estavam, a adorar a padroeira do Ribeirão da Ilha.



IGREJA MATRIZ: 1806

“Ninguém sabe onde ela tá. Tá escondida. Não sei, não sei. Ninguém vai dizê.” (Seu Manoel, 80 anos, ao responder onde fica a imagem da Santa durante todo o ano).

O que levou os moradores, ou o Padre, a esconder a tal imagem é, segundo o que me contaram, o medo de que ela seja roubada. No começo deste ano, alguns santos foram roubados da Igreja. Nenhum deles foi

recuperado e para o delegado do local, José Marcos Ribeiro, a esperança de tê-los de volta é mínima. Segundo ele, as imagens são muito valiosas pelo seu significado histórico. “Devem ter ido pra França ou Portugal, lá valem uma nota”, explica.

Na Igreja, fica exposta uma réplica da Nossa Senhora da Lapa. E a verdadeira? Ninguém sabe, quem sabe não diz. Só ao redor do pescoço, a original tem três metros de cordão de ouro puro, garantem os moradores.

Segundo o historiador Oswaldo R. Cabral, Nossa Senhora da Lapa foi trazida para o Ribeirão da Ilha, em 1760, por um forasteiro de nome Manoel Vargas Rodrigues, que obteve provisão episcopal para construir uma capela. A Santa ficou na Igreja construída por ele até 1806, quando foi levada para a Igreja Matriz, na Freguesia do Ribeirão da Ilha, onde está a sede da Paróquia e o foco desta reportagem.

Quando se encerra a procissão, o povo canta músicas de despedida: “está chegando a hora” e “adeus amor, eu vou partir”. Este é um momento de grande emoção para os devotos da Nossa Senhora da Lapa. Alguns choram, outros tentam esconder sua emoção.

O hino da padroeira dos ribeironenses conta sobre a trajetória e a importância da Santa para eles.

<i>Lá do céu celeste empero</i>	<i>Cuidando dos ribeironenses</i>	<i>Há longos anos passados</i>
<i>Onde de Deus nada escapa</i>	<i>Com sua divina luz</i>	<i>Veio pra morar conosco</i>
<i>Vela por nós com bondade</i>	<i>Sempre abençoa seus filhos</i>	<i>De nós evitando sempre</i>
<i>Nossa Senhora da Lapa.</i>	<i>Da terra de Santa Cruz.</i>	<i>O mal, a dor e o desgosto.</i>

<i>Em oitocentos e seis</i>	<i>Como homenagem recebe</i>
<i>A Ela foi consagrada</i>	<i>Este canto, esta oração</i>
<i>A nossa bela Matriz,</i>	<i>Que aos teus pés entoam todos</i>
<i>De Deus sempre abençoada.</i>	<i>Os filhos do Ribeirão.</i>

A fé em Nossa Senhora da Lapa evoca lendas e milagres da Santa.

“Antigamente, no Ribeirão não haviam navios. Os navios ficavam longe, não dava para encostar aqui. Então os barcos pequenos e as baleeiras, que vão em qualquer mar, é que levavam e traziam até o porto as gentes e as mercadorias. Os navios passavam lá pelo canal. Muitos barcos a vela, grandes, que viajavam de Laguna, São Francisco, Santos, Rio de Janeiro e até do estrangeiro paravam aqui. Meu pai era professor, gostava de conversar e fazer amizades com os comandantes. Ele entendia de tudo e por isso ia falar com eles em nome do Ribeirão. Um dia, contou-nos que em alto-mar um dos comandantes viu chegar o vento sul. Com vento sul não há quem passe na Barra dos Naufragados. O mar ficou grosso, muito grosso. Tudo fica feio mesmo.

O comandante lembrou-se então de rezar para a Senhora da Lapa cuja Igreja tivera visto ao passar pelo Ribeirão, e que ficara sabendo de seu poder pelas conversas do meu pai. Porém, o estrangeiro não conhecia a imagem.

A Santa, acostumada a compadecer-se dos homens no mar, atendeu a reza dos marinheiros e acalmou as águas. O mar ficou que nem um espelho, liso, e acabou-se o vento sul. Na hora em que o mar serenou o comandante viu na borda do barco a imagem de uma santa. Algum tempo depois, retornando ao Ribeirão, contou o que tinha acontecido ao meu pai, que o convidou para ir até a Igreja. Convite feito, convite aceito. Ao entrarem na Igreja, antes que meu pai dissesse alguma coisa o comandante alegre gritou apontando: ‘ela está lá. Foi ela quem me atendeu. Foi ela que eu vi naquela tempestade!’ Estava ele apontando para a imagem de Nossa Senhora da Lapa que nunca tinha visto antes.”

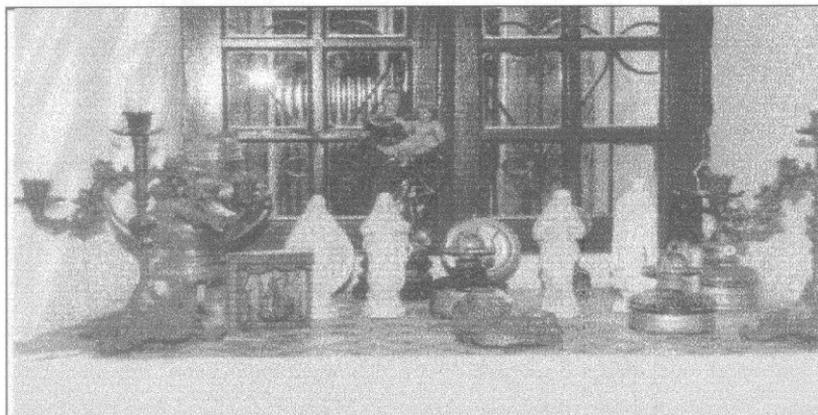
Esta história foi narrada por D. Chiquinha, já falecida, e está em acervo do Museu do Ribeirão. Este mesmo milagre eu ouvi de mais três moradores da vila durante minhas entrevistas. Prefiro acreditar nele junto com os ribeironenses.

“Um certo dia, mais ou menos em 1835, dominado pelo demônio, que lhe despertou a cobiça, um homem conhecido como Espanhol, e que morava aqui no Ribeirão, pensou em roubar a Igreja de Nossa Senhora da Lapa. Imagens, coroas de prata, dobrões de ouro e dinheiro. Pensou em roubar. Quem rouba uma Igreja peca duas vezes, peca feio pois está roubando de Deus. Entrou na Igreja pálido e sem ninguém ver, como todo ladrão. Mas Nossa senhora não dorme e vê tudo. Tendo ele retirado muitas coisas, embrulhou tudo num pano de missa e ia sair. Nisto o medo tomou conta dele e, num estouro, o homem ficou ali parado como pedra, feito uma estátua. Na manhã seguinte, quando o Padre abriu a Igreja, bem cedinho, lá estava o Espanhol parado, imóvel. O Padre recolheu tudo da mão dele e dando-lhe uma benção, este saiu correndo porta afora para nunca mais voltar. Na missa, os fiéis devotos rezaram e agradeceram o favor e o milagre de Nossa Senhora da Lapa, salvando as relíquias e objetos sagrados. Não se profana a casa de Deus!”

Este é mais um dos famosos milagres da Santa. Foi contado por seu Antônio Antunes da Cruz, em 1989, para o Prof. Nereu, autor do livro “Ribeirão da Ilha: vidas e retratos”. O fato, de um estrangeiro estar pondo em risco a paz da vila, parece que deixou nos ribeironenses a desconfiança das pessoas que vêm de fora.

Não tão carolas, ainda católicos

Com um número restrito de moradores, não foi difícil descobrir onde mora fulano ou ciclano. *Vai reto, entra ali e é a primeira casa.* Assim, encontrei D. Liquinha, 66 anos, pessoa muito conhecida e respeitada pela atenção que dá às questões paroquiais. Cheguei no portão, ela não demorou para aparecer: estava cuidando da horta. Um pouco desconfiada no início, como todos os que entrevistei, não deixou de ser cordial. Quebrado o gelo e feitas as devidas apresentações, entramos na sala. Em volta, peças de cristal, retratos da família, figuras santas na parede e em estantes, revistas e peças para fazer crochê na mesa.



DEVOÇÃO: a imagem de santos é comum a todas as casas

Durante meu trabalho de campo, não lembro de ter visto uma casa sequer sem imagem de santos. Em algumas são quadros, em outras estatuetas. A tradição ribeironense traz muita fé religiosa e, especificamente na Freguesia, a fé católica é mais visível. Nas outras localidades do Ribeirão, que afinal é um distrito, encontra-se também templo da Assembléia de Deus e Centro Espírita.

Não dá para falar do Ribeirão sem tocar na religiosidade do povo. Mesmo com as mudanças decorrentes do tempo, eles admitem buscar, ainda hoje, o conforto

espiritual para poderem enfrentar as dificuldades do dia-a-dia. Digo ainda hoje, porque esta paixão pelo catolicismo existe há pelo menos duzentos anos. Antes dos açorianos chegarem aqui para povoar a ilha, eles já tinham a tradição de fazer da religião um dos princípios mais significativos da filosofia de vida.

Em minhas leituras, descobri que o ribeironense de hoje não é exatamente um açoriano. Sua ascendência já está muito longe das Ilhas dos Açores. E o autêntico nativo que se encontra hoje nos Açores também é diferente daqueles que aqui chegaram no século XVIII. Mas em minhas entrevistas, percebi o orgulho e a certeza que o ribeironense tem de dizer que é açoriano e pronto.

Mesmo tendo sido povoado por populações de origens diversas, como africanos e portugueses, além de açorianos, existe uma insistência por parte da comunidade em se autodefinir como açorianos. Mesmo as pessoas de origem africana, se definem como tal. Este “açoriano” está bem distante daquele que veio dos Açores.

Foram nas entrevistas que descobri que para eles não há valor que ocupe lugar mais alto que a sua religião. Este permanece o elemento central de sua cultura, um propósito que parece ter sido implantado aqui, há séculos, pelos imigrantes açorianos.

Lendo a história sobre o outro lado do Atlântico, constatei que as comunidades das ilhas do Arquipélago dos Açores poderiam ser pobres, mas as igrejas sempre foram riquíssimas. CASCAES diz não ter visto uma Igreja pobre quando visitou os Açores. “Elas são totalmente decoradas com ouro, desde o rodapé até o forro. A gente olha e é como se entrasse dentro do sol”, relatou no livro de CARUSO. O gosto pelas festas religiosas também se revela, tanto nos imigrantes açorianos quanto africanos, muito antigo. No Ribeirão da Ilha, observa-se um calendário recheado de comemorações:

JANEIRO	- São Sebastião
MARÇO/ABRIL	- Semana Santa - Procissão do Senhor Morto
MAIO	- Coração de Nossa Senhora - Divino Espírito Santo
JUNHO/JULHO	- Corpo de Deus
AGOSTO	- Nossa Senhora da Lapa
OUTUBRO	- Nossa Senhora do Rosário
NOVEMBRO/DEZEMBRO	- Preparação para o Natal

Isto sem citar as festas realizadas nas outras partes do distrito, que comemoram o dia do padroeiro de cada capela. É o Santo Estevão no Alto Ribeirão; Nossa Senhora dos Navegantes e São José na Costeira; Santa Cruz na Caieira, em Porto do Ribeirão e no Sertão; e São Bom Jesus dos Pescadores na Tapera.

“Antigamente era melhor, comemorava-se o dia de vários santos. Agora, não tem nem Festa Junina. A gente se arrumava com vestidos rodados e babados, e os homens com calça e chapéu. E dançava.” (D. Eli, 67 anos).

Mesmo com a persistente devoção aos santos, as festas na prática foram reduzidas. Na Freguesia, comemora-se apenas a de Nossa Senhora da Lapa e a Festa do Divino Espírito Santo. O contato da tradição com novos interesses deixaram as festas para segundo plano. Mas quem escuta os ribeironenses falarem da padroeira da vila garante que pelo menos a procissão de Nossa Senhora da Lapa não corre o risco de ser esquecida.

A festa do Divino Espírito Santo, menos mencionada pelos entrevistados, vem da tradição dos portugueses, enraizando-se por longos anos. Segundo a história, na Alemanha, no século XIII, o imperador Oton III já celebrava esta festa, para através dela angariar dinheiro para manter a pobreza, a miséria que reinava na população alemã. Na França também existia uma organização sob a evocação do

Divino Espírito Santo com a mesma finalidade. Então, a rainha Isabel, filha de Pedro III de Aragão e de dona Constância, de Constantinopla, copiou o que ouvia falar das festas francesas e alemãs. Ela pensou, já que era muito católica e vivia só para a pobreza, que para ajudá-la isto seria ideal. Então, ela instituiu as festas do Divino Espírito Santo em Portugal.

A rainha baixou um decreto que dizia que em todos os lugares que fossem subordinados a Portugal, fosse instituída esta festa. Faziam a festa com a procissão, mas sempre voltada para os pobres. Todos os anos, os nobres organizavam o evento e arrecadavam dinheiro para o “bodo”, a esmola dada aos necessitados. Assim, a devoção ao Divino chegou nos Açores.

No Ribeirão, todo o ano tem um imperador encarregado das despesas da festa. Na casa dele é montado um altar para o divino. Os antigos contam que há mais ou menos 60 anos, quando a devoção era maior, as pessoas arrecadavam todas as jóias que existiam dentro da comunidade para enfeitar a coroa e o altar. Colocavam uma etiqueta com um número na jóia e depois devolviam.

Tem também o cortejo formado por rei, rainha, príncipes, espadachins e trinchantes, que seguem em direção à casa do imperador. Vão cantando com violinos, rebecas, violas e tambores. Todos vestidos a caráter.

“As festas do Ribeirão eram notáveis. Tudo era muito alegre, sadio e divertido. A principal festa era, e é até hoje, a de Nossa Senhora da Lapa. No Carnaval havia blocos e carros de alegoria fabricados pelos mais velhos daqui”. (Seu Antônio, 58 anos).

Outra mudança que pode ser observada é que antigamente o pároco tinha uma função muito importante, além do âmbito religioso. Os depoimentos revelam que era uma pessoa vista com um extremo respeito. Hoje, como diz seu Valmir, 60 anos, o padre é um homem como outro qualquer. Ele relaciona isto até com o fato do padre não usar mais a tradicional batina, obrigatória no passado.

O padre era visto como conselheiro e amigo. A história traz que ele também foi uma ajuda essencial nas horas da chegada do imigrante, amenizando o choque

do primeiro contato com uma nova cultura. Nesta hora, ele era o ponto de união entre os diferentes mundos, era o amigo em tempo de crise e de saudade.

“O padre, antes, não era só responsável pela Igreja. Ele decidia outras coisas: política, brigas e qualquer problema. Agora não mais”. (Seu Valmir, citado acima).

Apesar disto, ainda é atribuída a ele uma influência significativa na comunidade. Principalmente em separações conjugais, doenças, problemas econômicos, restaurações históricas e outras questões de caráter comunitário. E me parece que isto só continua a ser assim por causa da importância do catolicismo na vida do ribeironense. Caso contrário, acredito que as coisas já teriam mudado.

Uma curiosidade foi despertada por D. Liquinha, que mencionei acima. Segundo a assumida carola, os padres não ficam muito tempo na vila. Diz que o responsável por isto é o próprio bispo e, sem fazer muito esforço, enumera os últimos que passaram pela Paróquia:

“O padre Valdisteli ficou dois anos, o padre Jair seis ou oito meses e o padre Ciro dois anos. Até que esse aí, o padre Josino está durando. É o atual já faz cinco ou seis anos. É ruim: quando a gente se acostuma com um, vem o outro.”

Segundo o professor Nereu, até bem pouco tempo atrás, a orientação vinda da Igreja era para que o padre não ficasse muito tempo na comunidade. Pensavam que, assim, ele não ficaria íntimo dos moradores e manteria com maior facilidade a sua autoridade. Complementa ainda que a tendência dos padres permanecerem mais tempo em uma Paróquia está voltando, com a intenção de aumentar a chance para eles se ajustarem melhor à comunidade.

Enquanto algumas coisas mudam, outras permanecem, se redefinindo em seus significados. Não deixei de observar nos ribeironenses a hospitalidade, a alegria, a paz e o bem querer do próximo. São coisas que parecem fazer parte da filosofia de vida do local. Os livros sobre a história do Ribeirão buscam reafirmar

estas virtudes, que teriam sido trazidas pelos primeiros casais açorianos que aqui chegaram. Nestas descrições os homens são mostrados como honrados, simples e austeros; enquanto que as mulheres são descritas como santas e virtuosas.

A estrutura familiar aparece como alicerce para este modo de ser. Aqui considero valioso esclarecer que, para o ribeironense, a família não é composta somente por pessoas que tenham o mesmo sangue. Os laços de amizade fortalecidos em decorrência de favores, de compadrio e de casamento alargam os limites da família.

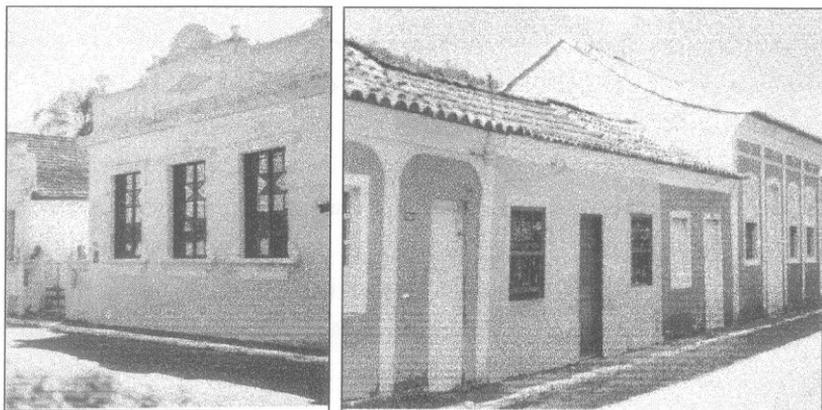
Os mais velhos com quem conversei revelaram algumas mudanças na educação dos filhos. Lembram que, enquanto eram crianças, tinham que pedir a bênção pela manhã, quando saíam à rua e quando retornavam, e depois à noite, quando iam dormir. Isto fazia-se todos os dias para os pais, para os avós e também aos padrinhos. Hoje as formas de demonstrar respeito aos mais velhos são outras, mas ainda existem. Acredito ter havido uma adaptação no modo de ser, já que o costume de pedir a bênção não se extinguiu de um dia para o outro.

O que também já não se vê é a prática do longo luto pela morte de um ente querido. As mulheres, quando perdiam o marido ou os pais, vestiam-se totalmente de preto, pelo mínimo de seis meses. Enquanto o homem usava o “fumo”, que era uma tarja preta de fazenda presa à manga do paletó ou da camisa. Antes da missa de sétimo dia não se saía à rua e festas, só muito depois.

“Pra essa mocidade de hoje, se morre pai ou morre mãe pra eles é a mesma coisa que nada. Ninguém mais faz luto. Quando morria, a gente usava seis meses de preto, e os outros seis meses era preto e branco. Mas hoje o preto é moda”.
(Seu Chico, 64 anos).

RIBEIRÃO: “OBRIGATORIAMENTE AÇORIANO”

Ao andar pela Freguesia, a impressão que tenho é de que a maioria das casas foi feita pela mesma pessoa. São geminadas, bem coloridas, geralmente com peito de pomba no telhado (semelhante a uma calha virada ao contrário), e com um acabamento detalhado nas paredes e pilares. Uma verdadeira coleção artística, graças a Dom João V.



ARQUITETURA: Entre a maioria das casas geminadas aparecem obras esculturais

Foi em uma destas andanças que encontrei seu Manoel Fraga, homem de cor com seus 60 anos, debruçado no parapeito da janela. A casa faz parte daquelas que se parecem quase iguais. A nossa conversa não foi lá muito amistosa no início. Enquanto eu ia chegando perto com o gravador, ele abanava as mãos, indicando que não queria conversa. Só quando a filha dele se aproximou da janela é que ele se sentiu mais à vontade e até sorriu.

É clara a posição dele em não me aceitar perto da casa. Creio que nem foi pelo gravador, que tenho quase certeza que ele ainda não tinha visto o que eu segurava nas mãos. Mas relaciono este fato com o milagre da Nossa Senhora da

Lapa, o qual diz que um estrangeiro tentou roubar santos da igreja. Será que eles temem todos os que são “de fora”?

Mas depois de um certo tempo de conversa, e muito mais à vontade, seu Manoel fez questão que eu entrasse na casa ao lado. A residência, de número 7533, foi construída em 1809, três anos após a construção da Igreja Matriz.

Com orgulho, seu Fraga conta que a casa era da família dele. Ali eram realizados os bailes dos negros, organizados pelo seu pai. No interior da residência, poucas coisas foram alteradas. A maior parte dos móveis, alguns objetos e a arquitetura continuam preservadas. As cadeiras da sala principal, segundo ele, são do século XVII. Seu Fraga chama atenção para o assoalho de madeira, já muito gasto, por ainda ser o original. As portas e janelas grandes e o corredor, que leva a várias dependências, também dão idéia do valor histórico da casa.

Atualmente, ela pertence a um médico, morador no centro de Florianópolis, que vem ali passar os finais de semana. Enquanto isso, a casa fica aos cuidados da família Fraga.

Toda a vila parece ser bem cuidada. Da casa mais simples a mais sofisticada e da mais antiga a mais nova, não se vê sinais de relaxamento e abandono. E a semelhança entre a maioria delas vem do início da história do Ribeirão, no tempo em que só existia a Vila da Freguesia.

“A vila-sede do Ribeirão é todavia um conjunto, o único ainda existente em Santa Catarina que se mantém fiel, portanto representativo, da presença açoriana no Brasil, e um traçado urbanístico segundo determinações da Provisão retro referida”. (Projeto de Preservação Arquitetônica da Vila da Freguesia, apresentado ao Serviço de Patrimônio Municipal de Florianópolis em 1980)

Após o descobrimento do Brasil, o estado de Santa Catarina esperou mais de 300 anos para ser efetivamente colonizado. De início, os jesuítas estabeleceram numerosas missões entre os índios que ocupavam a região. Depois, devido ao

movimento de navegadores que aqui aportavam, foi criada, em 1738, a capitania de Santa Catarina.

A Ilha de Santa Catarina sempre foi um ponto estratégico para a coroa portuguesa. Segundo ADAMS, VEIGA & ALBERS (1989), ela era considerada um local ideal para onde viriam as tropas e os conquistadores. A intenção era expandir os limites de Portugal além da área estabelecida no Tratado de Tordesilhas.

Já em meados do século XVIII, o primeiro governador do distrito de Santa Catarina foi incumbido de proteger a Ilha. Além da construção de fortalezas providenciou-se a vinda de imigrantes açorianos. Era o início da colonização.

Tirando do leitor a obrigação de estar familiarizado com a história do estado, o quadro abaixo expõe de forma resumida as fases de ocupação da Ilha de Santa Catarina, seguindo uma ordem cronológica:

1500 - 1629	Ocorreram frustradas tentativas de ocupação da Ilha por espanhóis.
1629 - 1645	Caçada de índios por bandeirantes para levá-los à São Paulo como mão-de-obra escrava.
1645 - 1673	Povoamentos instáveis por paulistas.
1673 - 1687	Fundação da povoação do Desterro.
1687 - 1726	Estabilização da fundação de Desterro com ocupação permanente.
1726 - 1748	Chegada dos açorianos e origem das primeiras localidades em torno da Freguesia do Desterro.
1760	Fundação de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão.

Acho também oportuno citar as passagens da denominação da cidade. Sempre estou me referindo a Florianópolis, mas o correto é Desterro, pois assim era o nome da ilha até quase o final do século XIX. Segundo PAULI (1987), antes de ser chamada Desterro, Florianópolis era somente conhecida como Santa Catarina.

Quando passou à condição de Freguesia, recebeu a denominação de Nossa Senhora do Desterro e depois, simplesmente, Desterro.

A ocupação da ilha de Santa Catarina foi, no início, muito irregular. Por iniciativa do rei de Portugal, em 1748, partiram cerca de 5.000 emigrantes açorianos para colonizá-la. Os motivos que levaram a esta iniciativa foram a presença de espanhóis no sul do Brasil, que achavam que este território lhes pertencia, e as más condições de vida nas Ilhas dos Açores.

O rei fez um convite aos casais - homem de até 40 anos e mulher até 30 com os filhos - oferecendo a eles condições para iniciar a vida aqui. Segundo Brito (apud CARUSO 1989), foram afixados vários editais nos Açores com promessa de transporte às custas do estado e ajuda para aquisição de instrumentos de lavoura, quando não tinha a promessa de entrega de instrumentos e dinheiro.

As coisas não se efetivaram conforme os editais garantiam. A partir daí, o imigrante teve que contar com a sua inteligência e com as próprias condições da Ilha. Guerra Junqueira lamentou o destino deles nestes versos:

“Olhai, olhai, vão em manadas
Os emigrantes...
Vivos de dó pelas estradas,
Junto dos cais, nas amuradas
Das naus distantes...”

(*Finis Patrie*, I Congresso de Comunidades Açorianas, p128)

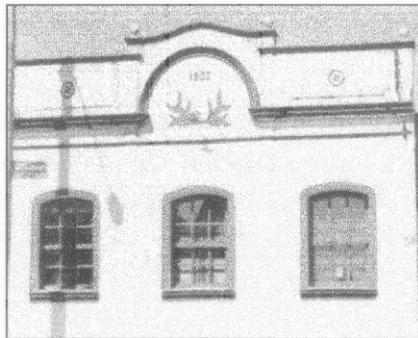
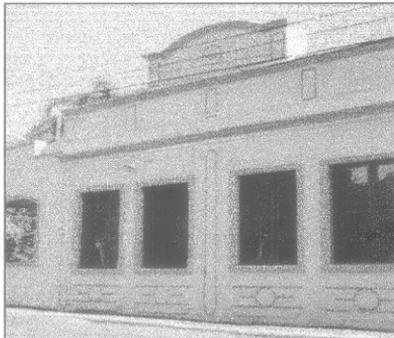
O Ribeirão da Ilha, sob a designação de Freguesia de Nossa Senhora da Lapa, foi oficialmente instituído em 1809. Mas se perguntarmos isso a um ribeironense, ele dirá que o Ribeirão começou em 1760, quando Manoel de Vargas Rodrigues chegou à localidade do Simplício (hoje Barro Vermelho) e trouxe consigo uma pequena imagem de Nossa Senhora da Lapa. Para abrigá-la e colocá-la a veneração popular, construiu uma pequena capela. Atualmente, a capela existente não é mais a original. Neste mesmo ano, a vila do Ribeirão da Ilha foi erguida

oficialmente, como resultado da colonização açoriana estabelecida em função da Provisão Régia de 1747, de D. João V - então rei de Portugal.

O berço do distrito é a Vila da Freguesia. A partir dela é que foram surgindo as outras localidades do Ribeirão. Até hoje, as suas residências mais antigas seguem o padrão estabelecido pela Provisão que tratava da ordem de transferência de casais dos Açores para o Brasil. Determinava o tal documento:

No sítio destinado para o lugar se assinalará um quadro para a praça de quinhentos palmos de face e em seus lados se porá a Igreja, a rua ou ruas se demarcarão ao cordel com largura ao menos de quarenta palmos, e por elas e nos lados da praça se porão as moradas com boa ordem, deixando umas e outras e para trás lugar suficiente e repartido para quintais atendendo assim ao cômodo presente como a poderem ampliar-se as casas para o futuro.

Esta estrutura conserva-se até hoje. Num total de 68 casas existentes junto à Freguesia, 22 delas ainda mantêm o estilo original. Mesmo as reformadas, bem como as novas construções, não alteraram o traço físico da vila.



CAPRICHOSO: Os ribeironenses conservam a beleza das casas mais antigas

Nem sempre o distrito do Ribeirão foi chamado assim. Em 1938 ganhou o nome de Ribeirão por causa do riacho, de mesmo nome, existente ali. Já em 1943, passou a se chamar Caiacanga. Com a reação popular contra a alteração do nome, Caiacanga não entrou em uso e, em 1946, o local voltou a se chamar oficialmente de Ribeirão da Ilha.

Do mesmo modo, a Vila da Freguesia - centro-histórico do distrito e tema desta reportagem - sofreu alterações toponômicas. Em 1760, quando ela foi erguida oficialmente era Povoação do Ribeirão; em 1809, mudou para Freguesia do Ribeirão e, em 1938, Vila do Ribeirão. Mesmo assim, os moradores ainda preferem chamar de Freguesia.

Apesar da capacidade de adaptação, o imigrante açoriano e as outras populações que vieram para cá não abandonaram o que tomaram como suas raízes. Os ribeironenses, em geral, descendentes ou não do sangue português julgam-se estreitamente ligados aos Açores, inclusive aqueles de origem africana. Acreditam que as crenças e o modo de vida rural e marítima revelam uma tradição que atravessou o Atlântico e, no mínimo, uns duzentos anos. A referência a Açores neste caso está muito mais ligada a uma identidade da comunidade do que a uma descendência de fato.

“É o Ribeirão, na atualidade, o mais populoso e o mais rico em tradições açorianas, marco fundamental da colonização da Ilha de Santa Catarina”. (Prof. Nereu em *Ribeirão da Ilha: vidas e retratos*, p16)

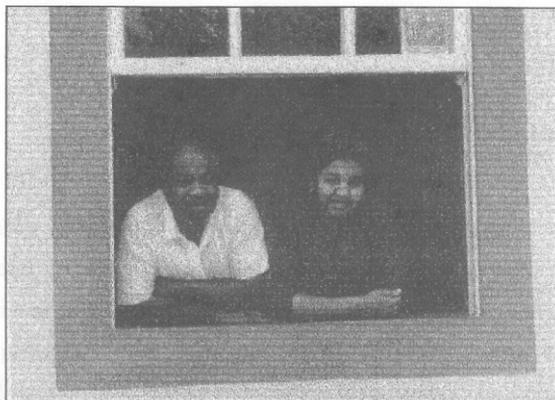
Para os moradores e alguns historiadores, isso seria “viver Açores nos Açores e no mundo”. Um Açores construído no Ribeirão por africanos, portugueses e açorianos.

DE PRODUTOR A CONSUMIDOR

Eterno pescador

Seu Manoel Fraga, o que cuida da casa antiga onde era realizado o baile dos negros, é um dos únicos nativos, entre os mais velhos, que ainda pesca. “Já pesquei muito, de baleeira, de canoa. Agora na Freguesia só tem o cultivo de marisco e de ostra.”. “É, mas sempre

que o senhor sai para matar peixe, dá os peixes para os outros”, conta sua filha Cláudia, 33 anos, com tom de reclamação. Parece que o espírito de dar e trocar coisas com os amigos, típico dos ribeironenses,



ainda continua em seu GERAÇÕES: Com o passar dos anos, as concepções mudam Manoel. Já Cláudia não vê por esse lado, ainda mais nos dias de hoje que não há o que trocar entre eles.

Desde o início da colonização, a pesca foi a base da economia da vila. Era do mar que saía seu principal sustento; ainda mais no início da ocupação do território, quando registrava-se alta piscosidade nas águas do local. A pescaria era farta quase todos os dias. Além do peixe constituir a base alimentar dos moradores, ele abastecia outros centros consumidores. Vendia-se não só o peixe fresco, como o salgado e o seco. A captura de peixes tinha também outra finalidade.

Durante a noite, os açorianos para obter luz usavam óleo de fígado de peixe, óleo de mamona ou de nozes; e só mais tarde apareceu o querosene. Um peixe muito usado para isso era a arraia. As mulheres contam que colocava-se o fígado do

peixe em uma panela, fervia-se e o azeite formado era guardado em uma garrafa. Segundo elas, com a mamona era a mesma coisa. As bagas da noqueira eram primeiro esmagadas no pilão e depois fervidas.

Contam também que o óleo fazia muita fumaça e tinha um cheiro forte; as casas, então, ficavam esfumaçadas. Eles não usavam forro nas residências para a fumaça poder subir e ventilar. O óleo, depois de pronto, era colocado nas lamparinas, que as pessoas levavam da sala para a cozinha e da cozinha para outros cantos. Como a maioria tinha só uma lamparina, como economia, ela não parava em lugar nenhum.

“... Pois fica-se sabendo
Que da espuma do mar
Sai gente e amor também.”
(NEMÉSIO, Vitorino. I Congresso de
Comunidades Açorianas, 1978, p05).

Mas a pesca acabou desaparecendo, em virtude de novas formas de comercialização, frigorificação e melhoria do transporte terrestre em substituição ao marítimo. É também considerável o declínio da piscosidade dos mares por causa da poluição das águas e da pesca predatória, especialmente o “arrastão” que mesmo proibido é praticado. Ainda restam pescados de pequeno porte tais como a cocoroca, canhanha, papa-terra, curvinote e cherelete. É destinado para o auto-consumo, já que constitui uma captura pouco significativa do ponto de vista do mercado.

Paralelamente à pesca, o ribeironense desenvolveu a fabricação de canoas e de baleeiras, uma arte bem antiga. Quando o açoriano chegou aqui, já encontrou um índio cavando um tronco para transformá-lo numa canoa. E quando eles não tinham ferramentas, queimavam a madeira para fazê-la ôca.

“A diferença entre uma baleeira e uma canoa é que esta é feita com um só pedaço de madeira, e as baleeiras são feitas com várias tábuas”, explica José Ribeiro, 38 anos, nativo e atual delegado do distrito.

Trazida pelos açorianos por volta de 1780, a baleeira conquistou a simpatia dos pescadores. Tornou-se indispensável não só para a caça da baleia como também para todas as outras safras, como anchova, corvina, badejo, tainha, garoupa, bagre e para a pesca de espinhéis.

Na linguagem dos pescadores, é a “embarcação rainha”. Entretanto, vinda da Europa, o pescador jamais poderia pensar em possuir uma própria. Era um sonho fora do alcance. Esta foi uma das razões que levou o já falecido Ignácio Lopes a dizer que iria construir uma baleeira. O desafio foi lançado em uma das noites em que os pescadores costumavam se reunir no boteco do seu Chico, à luz de lampião, para comentarem as façanhas do dia e discutirem a previsão do tempo.

Alguns levaram a sua afirmativa à sério, outros encararam-na como brincadeira. A notícia espalhou-se rapidamente. Na noite seguinte, o boteco lotou novamente esperando que o Sr. Ignácio voltasse ao assunto dando uma desculpa qualquer. Os mais velhos contam que a surpresa foi geral quando o homem confirmou sua decisão. Ele não era homem de voltar atrás. Nesta altura dos acontecimentos, duas correntes já haviam se formado: aqueles que acreditavam e os que duvidavam. Ele foi o assunto principal nos botecos, tornando-se uma teima.

Ignácio, agora mais do que nunca, precisava manter a confiança daqueles que acreditavam nele. Sem perder tempo, começou os preparativos para a difícil tarefa. A sua baleeira deveria nascer com as mesmas qualidades das estrangeiras. O povo acompanhava e o galpão virou ponto de atração principalmente dos pescadores, que aos poucos foram acreditando na técnica do “velho Ignácio”. Assim, após mais algum tempo de trabalho, chegou o grande dia: um dia de festa para o povo da Freguesia de Nossa Senhora da Lapa. Até aqueles que não acreditavam estavam felizes, vibrando com o nascimento da “tira-teima”, nome de batismo da primeira baleeira construída no sul do Brasil, há aproximadamente 80 anos.

Uma nova aurora surgiu para os pescadores. Agora sim, poderiam possuir a sua própria baleeira. Feita ao seu gosto, acompanhando cada dia a sua construção, vendo-a nascer. Estava iniciada uma indústria artesanal que viria beneficiar toda a classe de pescadores do litoral catarinense.

O entusiasmo de seu Ignácio fez com que iniciasse a segunda, a terceira, a quarta, ... até a 150ª, que ele não chegou a terminar; morre antes. Seus auxiliares é que finalizaram sua última baleeira. No total, foram oito os pescadores responsáveis por mais de mil unidades colocadas no mercado brasileiro. Hoje, não há mais ninguém capaz de continuar este trabalho. O desenvolvimento da indústria naval e os novos interesses dos jovens, descendentes de



RARIDADE: uma canoa que acabou de sair para “matar” peixe pescadores, contribuíram para o fim desta arte.

A baleeira passou por modificações. No início, era tripulada por seis remadores, um timoneiro (guia) e o arpoador (atirador). De umas décadas para cá, os remadores foram substituídos por motores; assim como a fabricação artesanal perdeu espaço para a industrial. A maior façanha para os percardores era atingir a baleia e puxá-la até a praia, onde iria ser retalhada.

“Quem capturava a baleia era o branco, na hora de esquarterar e colocar no fogo para derreter e fazer o óleo, o serviço era do negro.” (José Ribeiro, delegado já citado, referindo-se à época em que existia a escravidão).

Desde o início do século XX, a baleia não é mais capturada em Santa Catarina, deixando para as lanchas baleeiras as eventuais saídas para “matar peixe”, como os moradores preferem dizer, e para o transporte de cargas ou de turistas.

Artesanato só nas lembranças

Quando o assunto era artesanato, das minhas entrevistadas, as mais novas contavam que a sua mãe fazia e muito bem. Já as mais velhas diziam que há anos não faziam mais renda, mas garantiam que se colocassem os bilros na frente, elas ainda saberiam manejá-los.

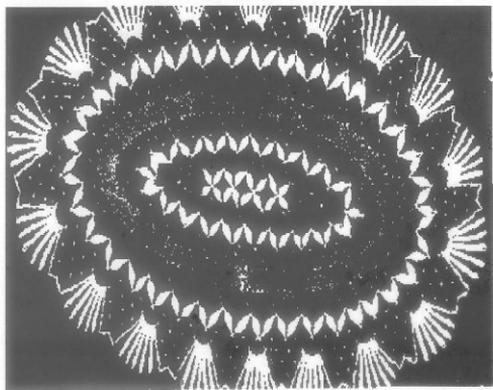
“Renda de bilro a minha mãe fazia, tenho uma tia que também parou por causa da idade. O trabalho não é muito valorizado, ‘entendesse’? Eu tinha vontade de aprender, mas não peguei.”
(Raquel, 34 anos).

A renda de bilro ou de almofadas da Ilha de Santa Catarina é um dos artesanatos brasileiros que mais se desenvolveu nas regiões habitadas por pescadores. Foi também desenvolvida em certos municípios do interior e zonas litorâneas de alguns estados do norte e nordeste.

As rendeiras de Florianópolis, na sua maioria, descendem de portugueses da Ilha dos Açores. Herdaram de seus antepassados a arte de executar rendas e, há bem pouco tempo, transmitiam às gerações seguintes. Na passagem do aprendizado, as

mães iniciavam bem cedo as filhas e era comum se ver crianças, ainda com seus quatro ou seis anos, à frente das almofadas e manejando os bilros com muita facilidade.

Tanto o nome, quanto o formato e a técnica de manuseio dos bilros revelam uma grande diversidade de rendas. Os modelos sofrem modificações, à



COMÉRCIO: Não há mais quem sobreviva das rendas

mercê da criatividade da rendeira. Os bilros são pequenas bobinas de madeira que ficam presas a uma almofada, feitos por artesãos ou familiares das próprias rendeiras.

As almofadas são pequenos sacos de pano que, após cheios de palha de bananeira, macela, capim do campo ou da vegetação barba de velho, tomam a forma de um cilindro. A rendeira vai virando a almofada e mexendo os bilros até completar a renda.

Os ribeironenses mais antigos contam que cada rendeira tinha, algumas ainda guardam, os seus bilros prediletos que não davam e nem emprestavam para ninguém, pois apostam que eles tinham influência no feitiço da renda.

Constatei no Ribeirão a mesma situação descrita por MALUF, que diz existir uma resistência muito grande por parte das novas gerações em aprender a fazer a renda, principalmente por causa do estímulo para que a criança freqüente a escola e prepare-se para ingressar no mercado de trabalho. Mulheres das gerações mais novas começaram a encontrar no trabalho fora de casa uma possibilidade mais significativa para contribuir com a renda familiar.

Hoje, as funções de cada membro da família foram adaptadas. Em relação às pessoas com mais de 50 anos, a mulher deixou as rendas para fazer crochê ou tricô, muitas cuidam de hortas que têm no quintal e, ainda, continuam como chefes de cozinha. Os homens, sem a pesca, ficam à disposição para fazer reparos em materiais domésticos, pondo em prática o antigo hábito de mexer com a madeira ou consertar os utensílios modernos e elétricos.

“Ainda sei fazer a rede para arrastão. Na escola a gente aprendia a fazer, tinha aulas de artesanato. Eu aprendi a fazer cadeira, mesa, balaio ... E hoje, quando precisa, eu faço.” (Seu Zé, com 62 anos).

Perde-se a produção, mas não o costume

Os relatos sobre as Ilhas dos Açores e sua gente revelam que era um povo dedicado à agricultura. Eram pequenos lavradores anfíbios que trabalhavam, durante o dia, parte no mar e parte na terra. À noite, eles reuniam-se no engenho ou no bar. Este tempo realmente terminou.

Os açorianos chegaram à futura Freguesia do Ribeirão da Ilha, pensando em trabalhar no mesmo ramo a que estavam acostumados nos Açores. Entretanto, as condições da terra, a presença da areia solta nas praias e as condições climáticas revelaram uma terra pouco fértil para o plantio de trigo. Isto forçou o açoriano a trabalhar em um tipo de roça que não fazia parte da sua experiência.

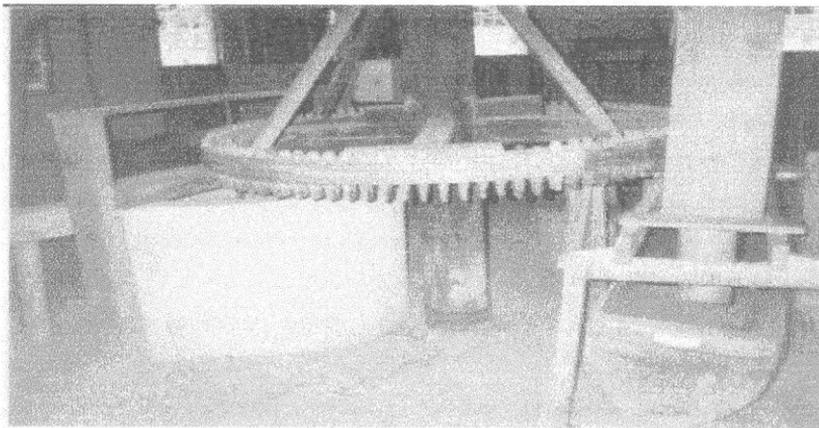
Acabaram vendo na farinha a possibilidade de um mercado grande e promissor, pois até então ela só era feita de acordo com a rudimentar tecnologia indígena. A farinha feita pelos índios aproveitava a mandioca curtida, chama por eles de “puba”. A mandioca era colocada dentro de um poço, onde ficava curtindo durante oito dias. Depois deste tempo, eles retiravam a casca e saía a massa inteirinha. Então a massa era espremida. À medida que ia apertando manualmente, a água da massa, que é um veneno, ia saindo. Depois a massa ficava no sol e, quando seca, era torrada nas panelas de barro. Os livros dizem que era uma farinha grossa. Com a falta do trigo, os imigrantes trataram logo de se dedicar ao plantio da mandioca e à produção da tão cobiçada farinha.

A Provisão Régia de 1747, documento assinado por Dom João V e já citado determinava que os novos povoadores deveriam ter à sua disposição peixe e farinha da terra em “quantidade que bastasse”. Viu-se o colonizador açoriano diante do desafio da produtividade e, como resposta, adaptou o que tinha nos Açores para a produção da mandioca, num processo de industrialização rústica.

O engenho catarinense é uma combinação de engrenagens confeccionadas de madeira, resultado da união entre a atafona (moinho primitivo movido a mão ou por montaria) e o mecanismo do moinho de vento. As atafonas movidas com força

animal são de épocas remotas; segundo a pesquisa do Prof. Nereu, já eram conhecidas um século antes de Cristo.

Do moinho de vento à atafona de tração animal e desta ao engenho de farinha são nada mais nada menos do que adaptações de uma mesma tecnologia. Estava o açoriano inventando o engenho de farinha. A maioria deles surgiu na ilha de Santa Catarina entre 1748 e 1756. De acordo com os registros, em 1794 haviam 382 engenhos só aqui na capital. Quem não tinha engenho, aprontava a mandioca e dava para um dono de engenho fazer a farinha. Este ganhava um terço dela.



PARTE DA HISTÓRIA: agora só encontrada em museu

Todo o processo de produção da farinha consiste em uma seqüência obrigatória de etapas: colheita da mandioca; transporte para o engenho em carro de bois; raspagem da mandioca; lavagem da raiz; utilização do engenho ralando ou cevando a mandioca; colocação da massa molhada, que sai do cocho, na prensa; peneiração da farinha e, por fim, a sua torração.

A farinhada era de manhã à noite. Começavam a fornecer de madrugada, lá pelas duas horas. Já deixavam dentro da casa de engenho um monte de mandioca para ser raspada na cevadeira. Os mais velhos contam que esta função dava muitos acidentes. Tem até um versinho: “menino que estás cevando/toma cuidado com a

roda/que nós estamos no inverno/e não é tempo de poda”. A roda era muito perigosa, ralava o dedo com osso e tudo.

Nos engenhos, cada peça e cada personagem têm seus nomes adequados. Dentre eles tem-se o forneador, o cevador, o prensador e as raspadeiras ou descascadeiras. Para agüentar até quinze horas seguidas de trabalho no engenho de farinha, eles inventavam distração. Cantavam durante a maioria do tempo em que forneavam e raspavam a mandioca. Cantavam muito e até inventavam versos uns para os outros.

Eles também jogavam “capote” para adiantar mais a raspagem da mandioca. Quem iniciava a brincadeira raspava uma raiz de mandioca até a metade e passava para o próximo fazer a mesma coisa. Ganhava quem fosse o mais rápido. E para desafiar ainda mais o companheiro, cantava-se: “Maria traz a faca/e vai chamar o migote/que está fazendo muito frio/e está na hora do capote”. Dona Eli lembra de mais uma música: “quando o engenho de farinha/está coberto de poeira/é sinal de que neste ano/foge muita moça solteira”, uma brincadeira que despertava namoricos.

Os mais entendidos garantem que a qualidade da farinha é determinada pela sua cor: quanto mais branquinha melhor. Levando-se também em conta a textura - quanto mais fina e homogênea melhor - e seu teor de umidade - quanto mais torrada mais saborosa. Claro que tudo isso depende também da raiz utilizada. D. Clara, a quem entrevistei, faz questão de deixar claro que a mandioca e o aipim fornecem produtos diferentes: a primeira produz farinha mais forte e a segunda mais branca e doce.

Na década de 1960, com a chegada da eletrificação rural e das indústrias de grande porte, não valia mais a pena investir no engenho de farinha. Inclusive já não era tão fácil encontrar lenha ideal na mata, já que os fornos consumiam muita madeira. Para a nossa época, o engenho representa uma tecnologia de baixa produtividade, porém, não há o que ofereça um produto de tal qualidade. E, como resultado, “não se faz mais farinha como antigamente”. Uma saída que os ribeironenses têm para matar a saudade é torrar, um pouco no fogão, a farinha

comprada no supermercado. Eles garantem que assim o gosto parece ser mais fresquinho.

Desde o início de sua história, o pirão (papa) de farinha ou pirão d'água faz parte dos hábitos alimentares dos moradores da ilha de Santa Catarina. É indispensável na grande maioria dos pratos tradicionais, não podendo faltar em casa. Quando o assunto era comida, uma boa parte dos entrevistados contou que “a mãe cozinhava pirão de farinha, depois fazia um buraco no centro e enchia com leite. A gente comia aquilo com carne”. O cuscuz, uma mistura com farinha de milho e canela, também era muito preparado.

Em época de “vacas magras”, conta seu Zé, a farinha era o alimento principal. Comia-se farinha com melado ou com café. “Era feito bastante o pirão d'água, mas tinha também o pirão de feijão”, e Zé deixa claro que isto não era castigo para ninguém, muito pelo contrário.

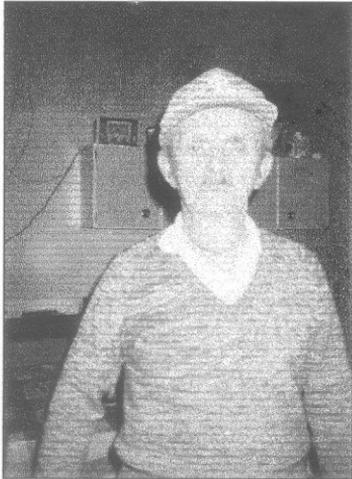
Os imigrantes açorianos desenvolveram uma agricultura de subsistência com a plantação de milho, feijão e mandioca; além do plantio de hortas, criação de galinhas e até de algumas vacas para a produção de leite, manteiga e queijo. A cultura do café também foi um de seus destaques. Além de comercializar o grão, o ribeironense mantinha quatro torrefações, sendo duas na Freguesia. Sabia-se de longe quando era colheita do café só pela cantoria. Cantavam para passar o tempo.

“Começávamos a apanhar o café no mês de março para ganhar algum dinheiro para comprar roupa nova para a Festa do Divino Espírito Santo e da Lapa, que eram as maiores. Para comprar a roupa, a gente saía de madrugada até a cidade. Quando a gente voltava, ia mostrar de casa em casa. Na casa que a gente não fosse, ficavam de mal.” (Dona Nilza, 56 anos).

O cultivo do algodão também teve importância. Era a matéria-prima indispensável para a fabricação de linhas e fios para tecer a renda. A sua produção tinha destino garantido, principalmente no atendimento a necessidades básicas de vestuário. As mulheres levantavam bem cedo para bater o algodão, que colocavam

em cima de uma espécie de travesseiro, com varas. Os mais velhos contam que aquela batida escutava-se de longe. Servia também de aviso para os pescadores de que já era cedo, hora de ir pescar.

Cada família dependia quase de si mesma. Não havia, no início, o comércio. As pessoas trocavam coisas, o dinheiro era muito raro. Então, quando uma pessoa tinha café demais, trocava por farinha.



MANOEL: A satisfação está em ajudar

compras, fazendo do Ribeirão uma área residencial e/ou turística. O contato intensivo com a cultura urbana, a pavimentação das estradas e a difusão dos meios de comunicação, entre outros fatores, favorecem as mudanças.

As características centrais que demarcam esta comunidade, desde a sua formação, não desapareceram com este contato com o “mundo urbano”; são apenas reelaboradas e têm os seus significados redefinidos a cada novo momento.

Hoje seu Manoel, 80 anos, passa o tempo “proseando” com os amigos. Não pesca mais, não planta, não colhe, nem fabrica mais caixões e móveis - uma das coisas que fazia com gosto para os amigos. “Às vezes eu nem cobrava, gostava disso”, acrescenta. Hoje, sente-se muito orgulhoso quando alguém pede uma de suas ferramentas emprestadas. Seu Manoel mantém uma mini oficina, e diz que não se desfaz dela, nem dos amigos.

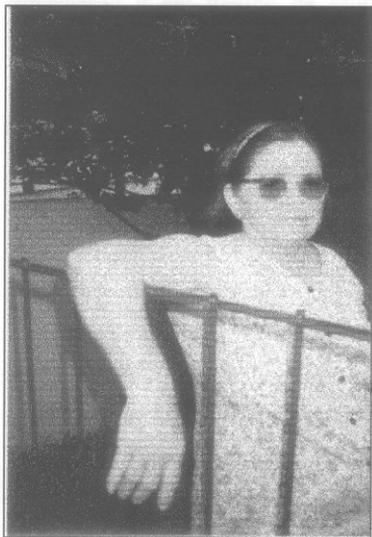
Como visto, o Ribeirão já foi um grande fornecedor de produtos para o mercado catarinense. Mas, no início do século XX, declinou rapidamente, transformando-se de fornecedor e vendedor, para consumidor e comprador. Houve também um deslocamento da atividade econômica central da pesca e da agricultura de subsistência para o trabalho assalariado. Hoje, a maioria de sua gente trabalha no setor terciário, principalmente no setor público. Descolam-se para o centro de Florianópolis, onde também realizam suas

Confiança no caseiro

Quase todas as casas têm uma horta. Em algumas cultivam-se apenas temperos, em outras, o “pronto-socorro” da Freguesia - uma grande variedade de plantas para fins medicinais. Ninguém fez nenhum curso; foi a necessidade que levou as ribeironenses a conhecer estas práticas. Falo no feminino por serem somente as mulheres da casa que cuidam dela. É diferente de antigamente, quando a roça era um espaço comum de trabalho dos homens, das mulheres e crianças.

A tradição em usar medicamentos caseiros vem da época em que não haviam postos de saúde na comunidade e que, como ainda é hoje, o preço de remédios era elevado. Criou-se então o costume de fazer chás, rezas e xaropadas.

Para suprir suas famílias com alimentos, as mulheres tentaram descobrir quais os meios necessários para manter uma plantação e quais as plantas que melhor se adaptam a cada período climático. Revelaram-se muito boas na arte de plantar legumes, hortaliças, ervas aromáticas, ervas de uso culinário e medicinal. Este aprendizado ocorre muito cedo com suas mães e avós.



LIQUINHA: um dos prontos-socorros

A Vila da Freguesia, embora nos dias atuais esteja relativamente bem servida por médicos, dentistas e profissionais da equipe de enfermagem e já não seja tão difícil chegar até o centro de Florianópolis para procurar assistência mais especializada, mantém como tradição assistir aos seus moradores com “especialistas locais” que considero um verdadeiro patrimônio cultural.

São elas que possuem, em suas casas, um arsenal de folhas, raízes e plantas. São utilizados nos primeiros cuidados aos doentes, antes da procura por recursos externos.

Dona Liquinha, 66 anos, é uma das que são solicitadas na vila. Com orgulho, enumera algumas de suas plantas com a respectiva utilidade:

- erva cidreira - usada como calmante;
- boldo - para má digestão e fígado;
- mastruço - machucados e tombos;
- malva - dor de dente, gargarejos para garganta, inflamações no útero;
- capim-limão - para desarranjos, doenças dos nervos;
- agrião - para saladas e problemas no fígado;
- casca de romã - para dor de barriga;
- folhas e caroço de abacate - para problemas nos rins e bexiga;
- ameixa - para tosse e constipação.

Falar sobre os remédios caseiros é uma brecha para falar das benzedeadas, personagens essenciais para o Ribeirão da Ilha. E falar sobre elas é retomar um pouco da história açoriana, desde a vinda dos primeiros imigrantes. Quando a vida não era muito fácil e as pessoas adoeciam porque não se adaptavam ao clima, à alimentação e até mesmo de saudades do que ficou para trás, as mulheres desempenharam um papel muito importante. Fora os trabalhos domésticos, desenvolveram a arte de curar com benzeduras, pelas orações e com os já citados remédios caseiros.

Muitos anos se passaram, mas alguns costumes permaneceram e as ribeironenses mantêm a confiança no “caseiro” para curar as doenças que são mais conhecidas popularmente. São elas o quebranto ou mau-olhado, a zipra, o cobreiro, a espinhela caída, afogamento, bicheira, “berrugas”, rebates entre outras.

As benzedeadas fazem crer que possuem um dom e uma fé religiosa surpreendentes, capazes de afastar as energias negativas que afetam física e espiritualmente os indivíduos, livrando-os das doenças.

Entre as benzedeadas, algumas das mais conhecidas são as seguintes:

- para Zipra, Erisipela ou Erisipelão, que é uma doença que normalmente afeta uma das pernas, dá vermelhidão, dor na ponta do pé que vai subindo até a virilha,

febre alta e muito frio. O tratamento é feito com um chá de folha de sabugueiro do reino ou com um chá de folhas de laranja com azeite, tomado pela pessoa afetada no momento da benzedura. A benzedora então massageia o local com algodão embebido com banha de porco e sal torrado, depois se enrola a perna e durante alguns dias é feita a seguinte oração:

“Pedro e Paulo veio de Roma e encontrou com Jesus Cristo, Jesus Cristo perguntou:

- Pedro e Paulo de onde vens?

- Venho de Roma senhor.

- Pedro, o que há por lá?

- Oh Senhor, muita zipra, erisipela, muita morte repentina e muita gente que morre dela.

- Volta Pedro e vai curar.

- Senhor, e com que eu curarei?

- Com a lã do carneiro preto e óleo de erva oliveira e com isto sarará.

- Nossa senhora quando andava pelo mundo, tudo via e tudo fazia, em nome de Deus da ‘Virge’ Maria. Erisipela deu na pele, da pele passou para a carne, da carne passou para o osso, do osso passou para o tutano, do tutano passou para o mar, permita Nossa Senhora que a erisipela vá se acabar.”

- a oração para dor de dente:

“Estava Célia sentada clamando, passou Nosso senhor e perguntou:

- O que tem Célia?

- Dor de dente Senhor.

- Cala-te que já vai passar, se for dor de dente que passe, se é bicho que morra, se é tumor que seque em nome de Deus e de São Silvestre”.

- rebate: os seios ficam doloridos, o leite não sai, pode dar febre, a oração é feita usando-se um pente fino, nunca usado, passando-se então o mesmo sobre o seio repetindo-se:

“Homem manso e mulher brava, casa barrida e borrifada, cama de burro, travesseiro de abada, em nome de Jesus Cristo, da Virgem Maria, amém”.

É importante dizer que esta prática antiga, que inclusive foi adotada por cristãos e não cristãos, ainda é hoje uma prática bastante reconhecida e respeitada. É exercida com dignidade, amor e fé por mulheres que não só fizeram a história do Ribeirão, mas que também em pleno fim de século XX sustentam e levam adiante um patrimônio cultural de grande relevância.

O papel das benzedadeiras também era desfazer os males que as “bruxas” espalhavam pela vila. Entendia-se por “bruxa” qualquer mulher que levantasse atitudes suspeitas como nervosismo e o mal querer aos outros.

O choro contínuo de uma criança com diarreia era sinal de que ela estava embruxada, ainda mais se a criança contorcia os pés e as mãos. Outro tipo de embruxamento manifestava-se com manchas no corpo. E os sintomas, muitas vezes, levavam à morte. Logo nas primeiras desconfiças, os pais levavam a criança para a benzedeira que rezava a fim de espantar os males. Uma maneira de afastar as bruxas era colocar nove dentes de alho no pescoço da criança e sementes de mostarda embaixo do berço.

A maioria destas informações foram adquiridas em livros. Da conversa com os ribeironenses consegui saber muito pouco. Eles não davam atenção ao assunto. Como os fragmentos do passado não desaparecem, sendo no máximo adaptados, creio que evitam falar em bruxas por causa do respeito e do medo deixado por seus pais e avós.

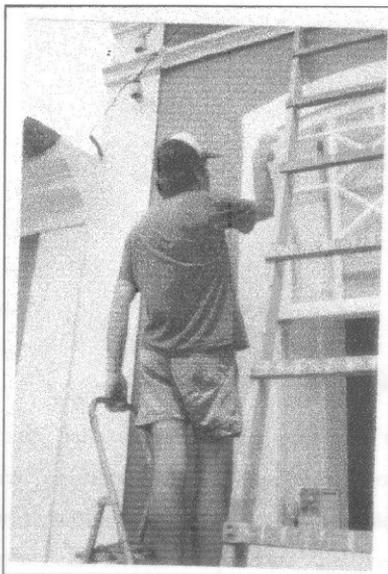
Turismo como auxílio

“O turista que vem aqui não incomoda. Ele vem só para conhecer, não destrói. Os que se apaixonam, acabam ficando”, delegado da Freguesia referindo-se a invasão tanto esporádica quanto definitiva das pessoas que buscam conhecer e freqüentar o local.

É por volta de 1970, que o turismo surge como atividade econômica significativa para o Ribeirão. Inicialmente, era um turismo de caráter doméstico (feito por pessoas de localidades próximas), já que não havia infra-estrutura para aqueles que vinham de longe e ficavam por um longo tempo. O distrito era precário em sistema de comunicação, alimentação e comércio para um turismo massivo.

Possui a Freguesia uma orla marítima com muitos recortes atrativos, encantadores e repousantes, onde a vegetação chega até a beira-mar. Por isso compradores foram atraídos para as propriedades de beira de praia. Passaram a construir sítios para veraneio, férias e fins de semana. Começava o contato entre nativos e turistas.

Logo cedo, alguns ribeironenses foram contratados como empregados na condição de chacareiro, passando a receber um salário fixo e mais garantido que a renda incerta conseguida com a pesca. Os que eram donos de algum terreno, aproveitavam o movimento e colocavam-no à venda. Com o dinheiro do negócio, pouco expressivo por ser fruto de um mercado imobiliário ainda pouco definido, criavam um fundo de poupança para melhorar as condições de vida da sua



TURISMO: Antônio arranhou mais trabalho

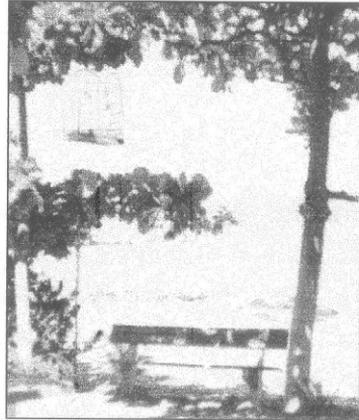
família.

Na medida em que este processo cresceu, surgiu um mercado de serviços absorvendo mão-de-obra local, desviando de suas atividades os pequenos pescadores e lavradores. Por outro lado, o turismo fez crescer o fluxo da renda local, ampliando os ganhos. Foi uma transformação do trabalho livre e tradicional pelo assalariado e formal. O que se presenciou foi uma mudança estrutural que ofereceu realidades positivas e negativas para a comunidade.

Foi o ingresso da geladeira, da TV, do fogão a gás e até da construção de banheiros com fossa séptica em substituição aos métodos arcaicos. Vieram também a expansão da rede elétrica, a instalação de serviços telefônicos, a melhoria e pavimentação da estrada, a criação de centro social, instalação de posto de saúde e a melhoria dos serviços de transporte de passageiros.

Por outro e oposto ângulo, a construção desordenada e clandestina de casas junto à praia fechou o acesso livre que havia por toda a vila aos populares e próprios pescadores (agora ocasionais e de horas livres) e, em muitos casos, constituíram-se agentes poluidores das águas, pois seus esgotos fluem para o mar, degradando a natureza.

A vinda destas pessoas “de fora”, como chamam os ribeironenses, também geraram mudanças sociais. Este contato levou a uma mudança na tradição do casamento fechado, somente entre as pessoas da mesma localidade. Famílias foram formadas entre pessoas de diferentes ascendências, traços físicos, sotaques e de diferentes culturas.



HARMONIA: natureza e civilização

Hoje, o turismo aumentou, sendo uma fonte de renda para pousadas e restaurantes durante as férias. Além dos atrativos geográficos - morro, vegetação, mar, praia e recortes da costa - os atrativos culturais, registros da colonização açoriana, exercem atração naqueles que desconhecem o local. Arquitetura, folclore, artesanato e tipos humanos revelam-se riquezas inigualáveis.

FRAGMENTOS

O morro: tão fundamental quanto a santa

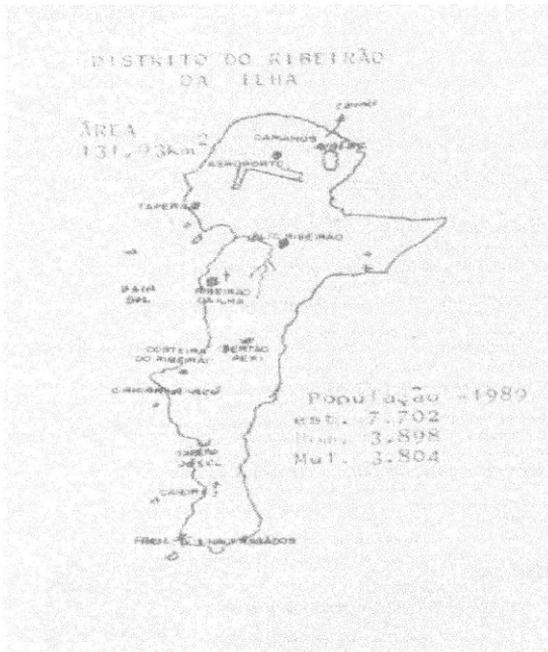
A forma de perguntar sobre o local já indica aos ribeironenses se a pessoa é ou não natural dali. As pessoas “de fora” não se referem a vila com uma distinção especial. Para eles, tudo é o Ribeirão. Já o nativo preserva a divisão geográfica do lugar, distinguindo as diversas localidades do distrito:

Freguesia-Sede	Alto Ribeirão	Pedregal	Areias
Carianos	Tapera do Sul	Tapera Mirim ou da Base	Ressacada
Porto do Ribeirão ou Candonga ou Canto do Rio	Areias do Morro das Pedras (parte)	Sertão do Peri ou Sertão do Ribeirão	Caieira da Barra do Sul
Naufregados	Barro Vermelho	Caiacanga-Açu	Sertão dos Indaiá

Isto sem falar das pequenas ilhas: Laranjeiras, Maria Francisca, Do Largo, Das Pombas, Dos Cardos, Moleques e Araçatuba.

A Freguesia é a parte do Ribeirão onde se concentra a maior parte dos “nativos”. O delegado local, José Ribeiro, atribui isso à existência do morro. A vila fica no sopé do ponto mais elevado da ilha de Santa Catarina, com 519 metros.

Segundo o delegado, na Freguesia quase não há boletins de ocorrência. O que aparece, às vezes, é um ou outro furto. Isto ele justifica com a “boa alma” do ribeironense. Enquanto fala da calma da vila também conta da Tapera, onde está concentrado um grande número de invasores. Ilegalmente eles vão chegando. Tem paranaense, paulista, nordestino e catarinenses também.



Por causa desta invasão, os naturais do local estão deixando a Tapera para ir morar em outro lugar. Enquanto isso, na Freguesia bandido não se cria. "O pessoal nativo incomoda muito pouco, não só aqui, mas em toda a ilha. E é o morro que dificulta a invasão de imigrantes aqui na vila. Isso é muito bom", declara com satisfação o delegado.

O Ribeirão localiza-se ao sul da ilha de Santa Catarina. Seus limites são:

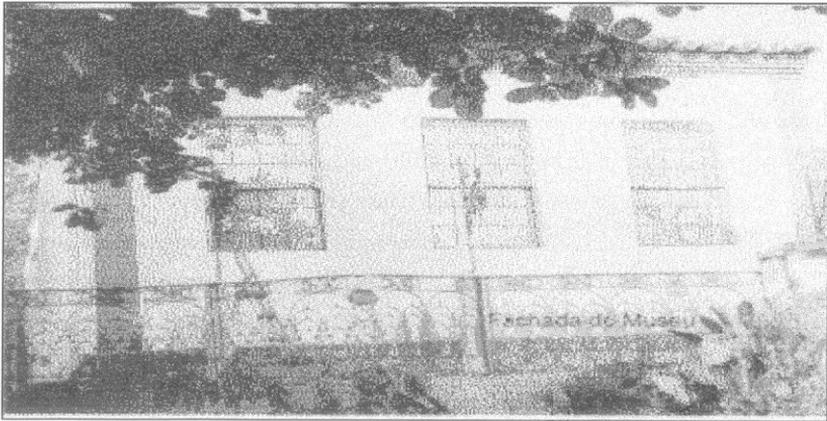
- ao norte com o Distrito da Lagoa;
- a leste com o Oceano Atlântico;
- a oeste desde a Ponta dos Naufragados até a Barra do Rio Maruim;
- e ao sul está o oceano Atlântico com o seu horizonte.

A Freguesia

A nossa querida vila está com um bom tamanho de recursos. Segundo os moradores, não precisa de mais nada além da Igreja, dos bares, do restaurante, do colégio, da loja, do mercadinho, do museu e do centro social. Ali prioriza-se a qualidade, não a quantidade. Mais um diferencial para com o mundo lá fora.

Freguesia, segundo PAULI (1987), é “um misto de organização religiosa e política que representa um núcleo populacional capaz de alguma organização”. Neste caso, capaz também de abraçar e manter, por longo tempo, fragmentos de uma certa filosofia de vida.

Cada morador da Freguesia guarda pelo menos uma história do lugar. Com a intenção de resgatar uma por uma, o Prof. Nereu, tão falado nestas páginas, criou o



BAÚ: Prof. Nereu guarda um bom pedaço da riqueza local

Museu de Etnologia. Há anos ele colhe objetos e todo o tipo de registro histórico do distrito. Tem desde pequenos presépios artesanais até o espaçoso moinho de farinha. A maior parte do acervo foi doada pelos próprios moradores.

A Igreja é até hoje o ponto de encontro dos ribeironenses. Agora, todos a freqüentam. Antigamente, os negros eram proibidos de entrar. A segregação racial

era tanta que foi preciso reunir os católicos de origem africana em torno de uma irmandade exclusiva, a da Nossa Senhora do Rosário. Isto ocorreu também com os clubes sociais. Ainda mais no Ribeirão da Ilha, que contou com um significativo número de escravos. Existia um clube social para pretos e outro só para brancos.

“Eu me lembro quando a Nossa Senhora do Rosário, em 7 de outubro, chegou aqui no trapiche. O barco ficou lá fora e os pretos suspenderam ela bem no alto. Quem doou a imagem foi o velho Sabino, pois ele tinha muitos escravos. Nós tivemos aqui o Clube dos Pretos e o Clube dos Brancos, eram bailes separados. A gente não podia nem espiar o baile deles.” (Dona Cleoci, 70 anos).

Ainda, com a abolição da escravatura, a segregação foi mantida. O negro tinha sua vida separada da do branco. Hoje já existe muita miscigenação. É interessante constatar que os negros que moram aqui, descendentes de escravos, têm sobrenome português que era colocado pelo seu senhor.

Conversando com eles, reparei que ignoram sua real origem. Não eram africanos e não foram capturados por europeus. Para eles, a história começa na Ilha dos Açores. “Sô descendente de açoriano”, uma frase que foi comum escutar mais de uma vez nas entrevistas com os descendentes de africanos.

Lembrei de outro fato curioso. Durante a minha conversa com o seu Manoel e a Cláudia (aqueles da foto debruçados na janela), ele deixou transparecer o descontentamento com o livro escrito pelo prof. Nereu. “Ali ele falou muito da gente dele. Esqueceu dos outros”, reclamou. Durante o papo, foi se esclarecendo que “gente dele” são os brancos, portanto “os outros” são os negros. Como na maioria dos lugares, ainda existe a segregação racial e a desigualdade.

Lá se vão sete anos que o livro do professor foi lançado e neste período muita coisa já mudou. Se fosse escrever novamente, ele garante que muitas informações seriam acrescidas e outras retiradas.

“Hoje o Ribeirão já vive uma vida urbana, tendendo para moderna: uma vida baseada na

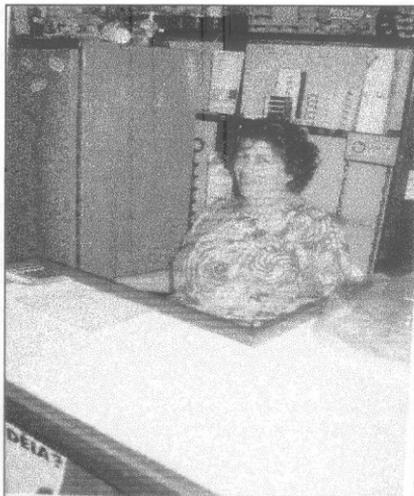
televisão. A televisão é um dos progressos que contribui para a chamada globalização da cultura. A mídia gera uma transformação muito rápida." (Prof. Nereu, na entrevista feita em sua casa).

Entre os moradores da Freguesia, 95 ou 96% são nativos, forma que os próprios nascidos na comunidade utilizam para se definir. Conta-se o número de estranhos no dedo. Esta grande quantidade de pessoas conhecidas entre si une ainda mais os ribeironenses. "Aqui você anda conversando com todo o mundo. Então você não pode tirar uma vida desta para morar no centro da cidade", gaba-se seu Túlio, 63 anos.

"Os moradores aqui da Freguesia são muito unidos, é um povo que gosta de ajudar. Os que têm mais de 50 anos, ainda fazem parte do costume que se tinha de casar com uma pessoa da mesma comunidade. De 40 anos pra cá, a coisa já misturou muito." (Seu Chico, 52 anos).

Outro paralelo achado entre o presente e o passado é que a educação era mais rígida, exigia-se muito respeito e obediência. "O pai mostrava sua autoridade só no olhar", recorda o delegado Ribeiro. Hoje ele confessa ter uma certa dificuldade em falar tu ou senhora. Aprendeu que para pessoas desconhecidas ou mais velhas se diz senhor/senhora. E dá o exemplo de que há pouco tempo, chamou uma moça de senhora, em um estabelecimento comercial, e ela respondeu "eu não sou senhora". Tentou ser educado e a moça se deu por ofendida.

Dona Dulce, 59 anos, saudosa, também tem suas lembranças. "Naquele tempo, tudo era descoberto nas ratoeiras.



SAUDADE: Antigamente tinha mais graça

Sabia-se quem traía quem ali mesmo, se o fulano queria namorar com essa ou aquela e tudo mais. Ratoeira é uma roda que a gente fazia e cantava. Ô coisa boa!”, exclama.

O pão-por-Deus é outra brincadeira que faz parte da história da Freguesia. Era um recorte de papel de seda em forma de coração, com um espaço livre onde a pessoa escrevia versos. Então, este papel era colocado dentro de um envelope e enviado para uma pessoa amiga ou namorada(o). No caso de namoro, ainda no tempo em que havia escravidão, as mucamas é que entregavam, às escondidas, os corações.

O pão-por-Deus, que vi no museu, trazia assim: “Lá vai meu coração/nas asas do sabiá/vai pedir o Pão-por-Deus/a quem eu quero amar”. Dona Eli lembra que como resposta a quem enviou o coração, era mandado um presente. Muitas vezes, diz ela, eram sabonetes ou pães diferentes.

A Freguesia mantém-se assim, com um ar de “mundinho caseiro”, graças à devoção a Nossa Senhora da Lapa - a mãe que une a todos - e à proteção do pico mais alto do estado.

A previsão feita pelo Prof. Nereu é de que a vila pode perder o seu valor perante a comunidade. Ele refere-se principalmente ao difícil acesso ao Ribeirão. Da vila até o centro de Florianópolis, são 26 km de uma única estrada pavimentada, com seus difíceis contornos e cheia de lombadas. O ônibus é quase de uma em uma hora.

“Isto dificulta muito para as pessoas que trabalham no centro e vem todos os dias pra cá. O que acaba acontecendo é que eles vão morar lá e vêm só nos finais de semana para ver a família.” (Prof. Nereu durante uma das entrevistas).

NOVIDADE COM CHEIRO DE MAR

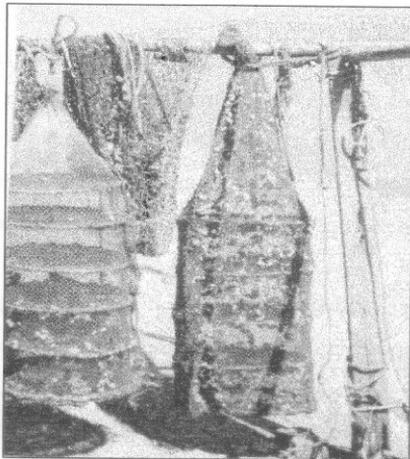
Na segunda vez que bati na casa de D. Liquinha, ela veio da cozinha. Já era perto das 11h da manhã. O cheirinho de feijão estava até na sala, onde sentamos para conversar. *Não queres almoçar aqui? Tem bastante feijão. Fiz pro Padre Josino. Quase sempre ele almoça comigo.*

Aproveitando a deixa do almoço, perguntei a ela se alguma coisa, com o passar dos anos, mudou na comida. Rapidinho ela solta o verbo, revelando o gosto por frutos do mar, principalmente pelo peixe.

“Hoje se quer peixe fresco, tem que ir comprar no centro. Quase ninguém mais pesca, e quem pesca é pra consumo próprio. O marisco é que começou a ser cultivado. É uma idéia nova, mas ele não substitui o peixe e não é tão bom quanto o marisco de pedra”.(Dona Liquinha)

Há cerca de três anos foi implantado, no Ribeirão, o cultivo de marisco e de ostra em cativeiro. São naturais do pacífico e importados do Canadá. É bem mais vantajoso comprá-los no exterior que cultivar o brasileiro. O nosso marisco nativo demora quatro vezes a mais para se desenvolver. Este cultivo surgiu como uma alternativa aos pescadores, em resposta à ascensão da pesca industrial, que prejudicou a artesanal. A iniciativa foi da Faculdade de Biologia, da Universidade Federal de Santa Catarina, que tem interesse em aprimorar seus estudos sobre ostra e marisco.

A repercussão sócio-econômica tem sido significativa. O estado de Santa Catarina tornou-se o maior



MARICULTURA: nova fonte de renda

produtor nacional de produtos de maricultura. Isto implica em oferta de novos empregos e novos produtos. Além do incremento considerável na renda familiar dos pescadores artesanais envolvidos, que passaram inclusive a ter maior consciência quanto aos cuidados com o ambiente litorâneo. O sucesso é tanto que está sendo implantado na UFSC um centro de excelência em maricultura, envolvendo diversas universidades do Canadá e do Brasil.

Mas nem sempre, a novidade é bem recebida no local. Nos primeiros dias do meu trabalho de campo senti um pouco de receio nos ribeironenses. Foi difícil chegar perto e ganhar a confiança deles. Sandra, 27 anos, foi a única pessoa que revelou o que pensava no momento em que me aproximei. Ela se desculpou pela pouca simpatia em suas primeiras respostas. “Tem muita gente ruim por aí. Eu tenho medo. Nunca se sabe”, desabafa. É nítido que, em meio a “invasão” de turistas, estudiosos e novidades (como a maricultura), os costumes conseguem se manter.

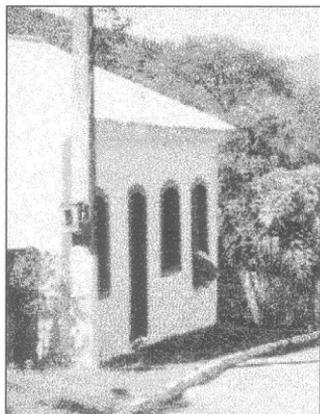
“Ah! Se me pedissem para fazer uma estátua em homenagem aos colonizadores, eu gostaria de fazer um navio”, Franklin Cascaes (*Vida e Cultura Açoriana em Santa Catarina*, p 41). Ele tinha a intenção de homenagear os muitos imigrantes açorianos que morreram, antes de chegar no Brasil. O primeiro navio que saiu dos Açores, para trazer a primeira leva de colonizadores, chegou aqui só com a metade da tripulação. Os outros ficaram doentes, morreram e foram jogados no oceano. São poucos os livros que revelam o lado triste da saída deles da terra natal.

Seus descendentes não guardam nenhum rancor do mar. Faz parte da sua vida o contato com o litoral. Revelando que um dia já foram exímios pescadores, eles continuam com o hábito de ficar na praia olhando para o mar e para o céu. *Está passando aí uma nuvem, o tempo vai limpar. A lua está com o círculo em volta, é sol na certa*, fazem parte de uma boa bagagem de experiência destes eternos marujos.

É muita paz de espírito para uma comunidade que vive com dificuldades. Não há riqueza material e nem luxo nas casas deles. A Freguesia guarda outros tipos de riqueza: o calor e a sabedoria humana, por exemplo. E é isso que faz com que os nativos sejam corteses, porém frios, no primeiro contato com as pessoas “de fora”.

Os ribeironenses, em geral, são muito amigos. Estão sempre se comunicando, indo na casa do vizinho, visitando o parente e prontos para ajudar até os forasteiros que chegam e não tem onde dormir. Ser solidário, para eles, não custa. Também é certo que a televisão diminuiu o número de visitas e passeios, principalmente à noite. De uns quinze anos pra cá, as pessoas estão mais presas dentro de casa. Mas nem isto abala a filosofia da vida do ribeironense: muita solidariedade e amigos.

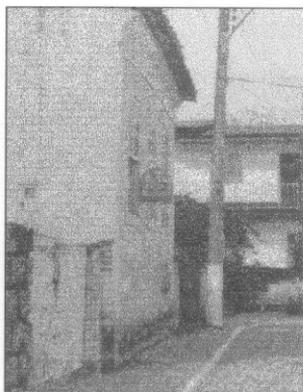
UM PARAÍSO QUE SE MANTÉM NO TEMPO



SOL: fundamental

Andando pela Freguesia, descobre-se que muitas coisas ainda são feitas da mesma maneira que muitas décadas atrás. É raro ver uma casa que não tenha travesseiros ou cobertores, pegando sol, dependurados na janela, mesmo na fachada da frente. Este costume, no centro de uma grande cidade, é impossível. O risco de roubo e a lei, proibindo colocar objetos nas fachadas dos prédios, não permitem a reprodução deste costume.

Também é comum ver, ao lado da casa, um cachorro “lagarteando” sem incomodar quem passa por ali. Parece que o espírito ribeironense é contagioso até para os animais. Nas minhas idas à Freguesia, a natureza sempre aparece na vida desta comunidade. Seja com o ribeironense andando pela praia ou pela vegetação, seja ele cuidando das plantinhas da horta, brincando com gaivotas ou levando o passarinho para tomar sol. Andando pelas casas, são inúmeras as gaiolas penduradas pelas paredes e árvores.



PÁSSAROS: Cláudia alimentando as gaivotas (E) e uma imagem comum da vila (D)

Como se não bastasse tanta beleza para um lugar só, neste paraíso ainda tem homens e mulheres que são um acervo memorial inesgotável da sua cultura. E já dizem os mais velhos que “tudo está apenas na memória, pois hoje está tudo diferente e nada é mais como se fazia”. Mas os



JUNTOS: crianças, idosos, natureza e tradição
filhos destes vem mantendo muitas coisas que permanecem em meio as mudanças. Os “de fora” que vem conhecer o lugar são os que mais enxergam isto. Eles garantem que ali a história não acaba.

É gostoso e gratificante passear pelo Ribeirão, conversar com a sua gente que sempre tem algum “causo” pra contar. “Quem conta um conto, acrescenta um ponto” já confirmou alguém. Não só para contar, os nativos também guardam melodias pra cantar e alegria para irradiar, num contexto familiar de muita humildade.

São fragmentos que sobrevivem ao tempo.

RECOMPENSA

Tem coisas que a gente esquece de falar na hora certa. Outras a gente prefere deixar para depois, assim como uma surpresa. Surpresa foi o que tive num dos últimos dias em que fui na Freguesia. Já tinha escrito mais da metade sobre minha experiência e resolvi não modificá-la.

Acho, pelo menos tentei, que ficou claro nas minhas palavras o papel importantíssimo que a religião tem na vida dos ribeironenses. A influência da Nossa Senhora da Lapa é muito grande. Ela aparece em todos os aspectos da comunidade. E foi na imagem dela, ou melhor, na ausência da imagem dela que o meu trabalho esbarrou.

Durante todo a pesquisa de campo, eu escutava o nome da santa para lá e para cá, poderia ser numa conversa sobre comida ou sobre colégio. Tudo traz a fé nela. E mesmo sem poder chegar até a padroeira, eu passei a acreditar que é esta fé que une os moradores da vila. Até o fato dela estar escondida é significativo.

Mais importante ainda, pelo menos para mim e para este trabalho, foi o fato de que num dos últimos dias, levaram-me até a santa. Bastou pedir para que abrissem a Igreja para eu tirar foto da réplica dela, que dois moradores já se acenaram e um terceiro levou-me até ela. Estava lá, escondida embaixo de um pano, dentro de um quatinho, dentro de uma casa. A confiança que eles passaram a adquirir em mim, com o passar dos dias na vila, obriga-me a também preservar Nossa Senhora da Lapa. Quem tiver a curiosidade de saber como é a imagem, basta virar a página ou, muito mais interessante, freqüentar a vila e tentar conhecer a filosofia de vida de seus moradores, aprendendo a respeitá-la.



RECEIO: até o cordão de ouro está escondido. Onde? Ninguém sabe, ninguém vai dizer

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUGNAGO, Veridiana. *Convivendo com a História*. Planejamento Arquitetônico. Orientador: Dalmo Vieira. Arquitetura e Urbanismo. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 1968.
- CARUSO, Raimundo C. *Vida e Cultura Açoriana em Santa Catarina*. Ed Cultura Catarinense. Florianópolis, 1997.
- MALUF, Sônia. *Encontros perigosos: análise antropológica de narrativas sobre bruxas e bruxarias na lagoa da Conceição*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.
- PAULI, Evaldo. *A Fundação de Florianópolis*. 2.ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987.
- PEREIRA, Nereu do Vale. A origem e a tecnologia dos engenhos de farinha de mandioca da ilha de Santa Catarina. In: *Segunda Semana de Estudos Açorianos*, 1987, Florianópolis. Anais ... Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.
- _____. *Ribeirão da Ilha: vida e retratos, um distrito em destaque*. Coleção Memória de Florianópolis, Fundação Franklin Cascaes. Florianópolis, 1991.
- I Congresso de Comunidades Açorianas. Direção de Serviços de Emigração da Secretaria Regional dos Assuntos Sociais. Açores, 1978.
- SILVA, Yolanda Flores. *Doenças e tratamentos entre famílias do Ribeirão da Ilha*. Dissertação apresentada ao Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 1991.